

Várzea Grande no processo de reocupação das terras amazônicas - 1970/1990

Tatiane Rosa Sarat*

Resumo: A protagonista dessa trama é a cidade Várzea Grande que por sua localização geográfica estratégica constituía-se em via de acesso direto ao norte e mais a oeste de Mato Grosso, diante dos propósitos de ocupação do território amazônico, ganhou importância como sendo o “corredor” que ligaria a Capital, Cuiabá ao norte. A cidade de Várzea Grande, não estava incluída na delimitação espacial geográfica e simbólica do “Paraíso”, imagem que foi associada às novas cidades da Amazônia, contudo a nossa protagonista recebeu uma imensa quantidade de migrantes que foram atraídos pelas propagandas de prosperidade realizadas para a atração de colonos. Este trabalho pretende focalizar a forma como foram estabelecidas as relações por esses migrantes na ocupação do espaço citadino, ressaltando a multiplicidade de culturas que constituiu uma verdadeira “Babel” de sotaques, costumes e práticas culturais.

Palavras-chave: Ocupação e reordenamento urbano.

Várzea Grande in the process of reoccupation of land Amazon - 1970/1990

Abstract: The protagonist of this drama is the city that Várzea Grande by geographical location strategy is itself in form of direct access to the north and west of more Mato Grosso, purposes before the occupation of the Amazon territory, gained importance as the "Corridor" which link the capital, Cuiabá north of the city Várzea Grande, was not included in the definition geographical and symbolic space of the "Paradise", that image was linked to the new cities of the Amazon, however, our protagonist received a huge amount of migrants who were attracted by advertisements of prosperity made for the attraction of settlers. This work intends to focus on how the relationships were established by these immigrants in the occupation of city space, emphasizing the multiplicity of cultures that was a real "Babel" of accents, customs and cultural practices.

Keywords: Occupation and urban redevelopment.

Tenho como campo de interesse as políticas governamentais que viabilizaram a “conquista” do Oeste e da região amazônica brasileira, especificamente a parte que cabe ao território mato-grossense, na segunda metade do século XX. Observando os investimentos em infra-estrutura que foram realizados em lugares estratégicos, destacando-se a construção de rodovias para facilitar o acesso ao norte de Mato Grosso.

O cenário onde construirei a minha trama é a cidade Várzea Grande. Esta é hoje, como várias cidades do país, uma cidade conturbada, com altos índices de criminalidade¹ e pessoas vivendo na mais completa miséria. É uma cidade que continua em plena expansão, onde

* Universidade Federal de Mato Grosso. Mestranda em História. Bolsista Capes

¹ Violência em Várzea Grande é preocupante in: <http://www.vgnoticias.com.br/home/noticia/920> e em “El Dorado estimula a violência”. Várzea Grande. 01 a 07/07/84. Correio Várzea-Grandense. P. 09.

trafegam milhares de pessoas que vão adaptando-se e reinventando novas formas de convivência. Um ambiente de múltiplas práticas que nos possibilita uma infinidade de imersões para refletir acerca de sua história.

Tenho como foco aspectos do período que compreende dos anos setenta aos anos noventa do século XX. Estes marcos condizem com as hipóteses desse trabalho que tem Várzea Grande como “corredor” para o norte. Escolhi os anos da década de 1990, para encerrar meus estudos, pois é nessa década que as cidades situadas na parte norte de Mato Grosso (e que têm Várzea Grande como “Portal da Amazônia”) consolidam os seus espaços urbanos, mudando a natureza do fluxo migratório é estancado e o crescimento demográfico da cidade passa se normalizar, encerrando assim o ciclo.

Para entender os impactos sociais que esse processo teve na cidade de Várzea Grande, muito sentidos hoje, esta pesquisa teve como propósito, privilegiar dois recortes: Várzea Grande enquanto “corredor” para a Amazônia, ou seja, via de acesso e Várzea Grande como um lugar de fixação de migrantes

Várzea Grande no século XX sob a ótica do processo de ocupação das terras amazônicas.

Devido a uma escassez de bibliografia que tenham como foco Várzea Grande, as informações sobre a cidade foram retiradas, sobretudo, através do levantamento no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da obra de Ubaldo Monteiro “No Portal da Amazônia”. O município de Várzea Grande, com uma área de 949,44 Km², à margem direita do rio Cuiabá, em 2000 contava com uma população de 215.298 habitantes, sendo 211, 303 pessoas da zona urbana e 3.995 rural, com taxa de crescimento de 2,66% ao ano (Mato Grosso, 2004; 115)

Registra-se como data oficial da fundação² de Várzea Grande 15 de maio de 1867. Várzea Grande foi o 3º Distrito de Cuiabá até 13 de setembro de 1948, ano que foi assinada a Lei nº 123 que dava à vila a condição oficial de município. Para formação do município, além das terras do antigo 3º distrito cuiabano, foi incorporada uma área de Nossa Senhora do

² Sobre a Fundação de Várzea Grande ler: PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do Império: família e sociedade em Mato Grosso no século XIX*. São Paulo: Contexto, 2001. VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *Cativos do Sertão: Vida cotidiana e a escravidão em Cuiabá(1850-1888)*. São Paulo: UFMT/Marco Zero, 1993. MONTEIRO, Ubaldo. *No portal da Amazônia: o 1º século do município industrial de Várzea Grande*. Goiás, Ed. Rio Bonito, 1970.

Livramento, somando cerca de 600 Km². Cinco anos depois foi anexada a área do distrito da Passagem da Conceição, totalizando 682 Km². Os 81 anos que Várzea Grande foi distrito cuiabano proporcionou que fossem estabelecidas relações que tiveram profundo impacto na forma como foi e é tratada a história de várzea-grande.

A associação de Várzea Grande como sendo o “corredor” da Amazônia pode ser verificada na forma como os jornais da cidade passam a dar grande notabilidade ao que acontece no norte de Mato Grosso. Nesse período é notado um grande investimento nas avenidas que cumpriram esse papel de “ligação”, como a Avenida da FEB, a Couto Magalhães e Filinto Müller.

De 1942 a 2001 foram construídas quatro pontes que ligavam as duas cidades, Cuiabá e Várzea Grande. Em 1942 foi inaugurada a primeira ponte de concreto sobre o rio Cuiabá pelo então interventor Julio Strubing Muller, importante para o acesso da parte norte e oeste de Mato-grosso. Em 1964, durante o governo de Fernando Corrêa da Costa, foi inaugurada a ponte que teve sua construção iniciada no governo de Ponce de Arruda, que durante as primeiras tentativas de construção, por problemas técnicos, veio a desabar. A sua inauguração contou com a presença do ditador militar Humberto Castelo Branco. Em 1985, no governo de Julio Campos, foi realizada a duplicação da ponte Julio Muller e foi construída mais uma ponte, a de Poço Grande, pontes que ajudaram a descongestionar o tráfego de automóveis pesados em demanda do norte e oeste de Mato Grosso e Rondônia. Em 2001, no governo de Dante de Oliveira, foi inaugurada mais uma ponte ligando a Avenida Beira-Rio, em Cuiabá, à Avenida Dom Orlando Chaves, em Várzea Grande, a ponte pênsil Sergio Motta com 158 metros de extensão, esta que, no discurso oficial, serviria como um cartão postal para a cidade, ou seja, um “presente” da gestão Dante de Oliveira á Várzea Grande. Cabe ressaltar que tais pontes não tinham a única finalidade de simplesmente “ligar” Várzea Grande à Cuiabá e sim de facilitar o acesso de carretas, que levavam produtos para o abastecimento das cidades da parte norte, e também para o escoamento das safras das imensas fazendas agropecuárias.

É nesse contexto social e político que foram implantados, especificamente nas décadas de 1970-80, os núcleos denominados projetos de colonização, que foram responsáveis pelo surgimento de centenas de cidades de pequeno porte. Os estados que mais foram atingidos por esse fenômeno, foram Mato Grosso e Rondônia. De acordo com os dados do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), de 1981, de um total de 101 empresas

de colonização autorizadas inicialmente a funcionar no país, no período de 1970 a 1981, aproximadamente 42% estavam localizadas no estado de Mato Grosso (GUIMARÃES NETO, 1997; 53)

O crescimento acelerado da população intensificado pelo grande fluxo de migrantes que vieram se instalar em Mato Grosso, principalmente, a partir da década de 1970 com a inserção do Estado de Mato Grosso no Programa de Integração Nacional (PIN) fez com que a paisagem urbana de Várzea Grande fosse profundamente transformada. Durante as décadas de 1970 a 1980, Várzea Grande deixa de ser somente uma passagem rumo ao norte de Mato Grosso e passa ser um local de fixação de migrantes³. O Poder Público Municipal passa a se preocupar, com mais intensidade, com a questão do ordenamento urbano, e leis que tratam da ampliação do perímetro urbano se intensificam a partir de 1970. São elaboradas leis como: a Lei nº 543/73 que dispõe sobre o perímetro urbano de Várzea Grande; a Lei nº 651/78 que “amplia o perímetro urbano e dá outras providências”.

Verifica-se ao analisar as informações fornecidas, pelo IBGE, quanto ao crescimento populacional e das medidas adotadas pela prefeitura, um intenso processo de urbanização e como consequência tem-se a expansão do tecido urbano sobre áreas até então rurais e o aumento dos problemas relacionados ao inchaço da cidade, que não estava preparada para receber tal contingente populacional. Os homens e mulheres, trabalhadores destituídos de bens, foram ocupando o espaço urbano com muita rapidez e, principalmente, por meio de grilagens, transformando a paisagem urbana de Várzea Grande.

Tabela 01 – Evolução da população geral no município de Várzea Grande.

Ano	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Habitantes	5.503	10.834	18.305	76.676	161.958	193.401	215.298

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, ano 1940, 1950, 1960, 1991, 1996 (contagem), 2000. Org. Maria Lucia Coradini da Campo

Percebe-se através desses dados que a cidade não desempenhou apenas o papel de “corredor” e que muitos dos migrantes atraídos pelas notícias de prosperidade, que eram veiculadas sobre a região amazônica, fixaram-se na cidade. Nota-se, sobre a população, que as décadas de 1970, 1980 e 1990 foram as que tiveram as maiores taxas de crescimento demográfico.

³ Sobre o crescimento populacional ver Tabela I

A cidade de Várzea Grande junto com a capital, Cuiabá, dentro da dinâmica de ocupação da região amazônica tinha o papel de dar o suporte necessário para a concretização desse processo. Cuiabá era a cidade que no período apresentava-se, pelo menos no nível do discurso, discurso que foi produzido principalmente pelas autoridades locais representado pela imprensa, dotada da infra-estrutura adequada. Eram da Capital que saíam as decisões do Poder Público Estadual, que reforçavam as intenções do Governo Federal, sob o comando dos militares, como também servia de local para os escritórios das empresas colonizadoras (mesmo que estas tivessem escritórios sediados no Paraná, em São Paulo e outros locais do Brasil).

A medida em que a imagem de paraíso era vinculada à Mato Grosso, imagem essa veiculada pelas empresas colonizadoras e pelo Estado, por sua imensa riqueza e, principalmente, pelas novas cidades que “brotavam” em meio à selva amazônica, os espaços de ocupação antiga, que também sofreram os impactos desse processo, buscaram se beneficiar desse momento histórico.

Nesse momento Várzea Grande, de forma mais intensa, se torna “O Portal da Amazônia”. Os jornais da cidade passaram a veicular manchetes que reforçavam esse discurso. Sobre isso um trecho extraído do jornal “Correio Várzea Grandense” trás aspectos interessantes:

Segmento natural da Capital, distrito industrial forte, Várzea Grande poderia contentar-se com isso. Entretanto, com a sua condição de autentico portal da Amazônia, está, dia-a-dia, preparando para oferecer-se como suporte para a verdadeira expansão das tão decantadas fronteiras agrícolas⁴

No trecho acima é vendida a imagem de uma cidade dinâmica e forte, pronta pra desempenhar a sua “missão” de caminho de entrada para o paraíso e, de certa forma, garantindo para si, isso no discurso jornalístico, um lugar de honra como a anfitriã dessa festa.

Em entrevista ao “Correio Várzea Grandense” o senhor Gerson Santana, pequeno comerciante, de 45 anos disse:

- Aqui agente vê gente vindo de todo lugar do mundo, entrando pra essas glebas tudo entusiasmado – diz Gerson Santana, ele próprio um homem que já mergulhou com tudo nos garimpos e voltou sem nada doente⁵.

⁴ “Na Couto Magalhães, a rota para a conquista de uma vida nova”. Várzea Grande. 19/02/84 a 25/02/84. Correio Várzea-Grandense. P. 10/11.

⁵ Correio Várzea-Grandense, Op. Cit. p.10/11.

Todavia, o próprio jornal, no mesmo texto que coloca a cidade nessa posição glamorosa deixa escapar uma informação bastante reveladora:

Melancias misturadas a pneus usados, restaurantes de terceira categoria oficinas mecânicas, armarinhos, açougues misturados à bicicletarias... Enfim, uma verdadeira parafernália, digna de qualquer frente pioneira⁶.

Nesse momento Várzea Grande é uma cidade caótica, crescendo num ritmo frenético. A sua infra-estrutura é precária, ela não pode dar o suporte do qual se propõe a fazer. Mas numa tentativa de justificar essa condição o jornal encerra com “enfim, uma verdadeira parafernália, digna de qualquer frente pioneira”.

Contudo as notícias que os jornais nos trazem sobre os bairros, principalmente os que foram formados no fim de década de 1980 e 1990, sobretudo pelos migrantes empobrecidos, revelam um quadro de miséria, sem as mínimas condições de sobrevivência, que submetem as pessoas as mais diferentes condições degradantes de trabalho.

Notícias como “No Pirineu uma sofrida África”⁷; “No Parque do Lago, a ficção é real: cobras, mosquitos e muita inundação”⁸, veiculadas pelo Correio Várzea Grandense entram em contradição com um discurso que vinha sendo tecido pelo próprio jornal, que tentava perpassar uma imagem positiva da cidade, com inúmeras notícias sobre as obras que vinham sendo construídas e a fixação de mini núcleos industriais.

Durante toda a década de 1970 até meados da década de 1990 foi construído um discurso que procurava dar a denominação de *Cidade Industrial*⁹ para Várzea Grande. Busco verificar as medidas adotadas pelo Poder Público, como a desapropriação de terrenos de forma arbitrária, objetivando a instalação de indústrias que trariam o progresso e um novo status á cidade. Em 1971, a firma FRIVAR que dois anos antes pretendia instalar frigoríficos de carne bovina em Várzea Grande, estabeleceu acordo com a Sadia Oeste, que estava entrando nesse ramo industrial em Mato Grosso. A prefeitura fez doação da área a esta empresa e, no ano seguinte, a Câmara Municipal dilatou o prazo para a instalação da mesma, cujas obras só foram inauguradas já em 1977, dado o vulto dos trabalhos que foram realizados (MONTEIRO, 1988; 39)

⁶ Correio Várzea-Grandense, Op. Cit. p.10/11.

⁷ 03/06 a 09/06/84. Correio Várzea-Grandense. P.16.

⁸ 22 a 29/04/84. Correio Várzea-Grandense. P. 10

⁹ “Por Várzea Grande, MT quer se firmar como pólo industrial”. Várzea Grande. 26/02/84 a 03/03/84. Correio Várzea-Grandense. P. 16.

Um dos exemplos mais dramáticos que foi noticiado pelo Correio Várzea Grandense é o caso das famílias ribeirinhas que viviam na Alameda Julio Müller e que foram deslocadas para uma das áreas mais insalubres da cidade, o bairro Carrapicho. Cabe ressaltar que é na Alameda Julio Müller que se encontra instalada a Sadia Oeste, uma empresa de abrangência nacional e que graças a incentivos da prefeitura, incluindo a doação do terreno, se instalou na região da Alameda. Nessa área se encontram também algumas indústrias do ramo de alvenaria (cerâmicas)¹⁰.

Nesse momento, o migrante empobrecido foi usado como atrativo para que as empresas que viessem se instalar aqui, pois se constituíam como mão-de-obra barata. Sobre essa visão que o Poder Público tinha quanto a utilização dessas pessoas na produção é bastante esclarecedor o que o Coronel Ubaldo Monteiro escreveu em *Várzea Grande: Passado e presente confrontos*:

Várzea Grande destacou-se no decurso dos últimos lustros pois recebeu mais de cem mil novos habitantes que impulsionaram suas indústrias, comércio e agricultura. Mineiros, paulistas, cearenses, catarinenses, goianos, gaúchos e paranaenses, invadiram as áreas varzeanas e um grande número de oficinas surgiram, centenas de novas atividades foram introduzidas, mudando o aspecto, a dinâmica da cidade. Bairros como o do Cristo Rei, que mal alcançava mil habitantes em 1970, aumentou sua população quinze anos depois, para cerca de 45 mil almas, o mesmo ocorrendo Jardim Gloria, que cresceu espetacularmente. (MONTEIRO, 1988. P. 116)

Cabe ressaltar que Ubaldo Monteiro não é um historiador, todavia a leitura se faz necessária para perceber as ressonâncias do discurso produzido pelos membros da elite e nos possibilita entender a visão ou a representação dos homens e mulheres que foram se fixando em Várzea Grande. O que se percebe é que todos os esforços deveriam ser somados em prol de se montar a imagem dessa *Cidade Industrial*. No entanto, não é percebido em momento algum, tanto nas notícias dos jornais quanto nas obras de Ubaldo Monteiro uma tentativa de melhorar a condição de vida desses novos habitantes da cidade.

Paralelamente, esse discurso também atraía mais migrantes, pois as notícias de instalação de indústrias em Várzea Grande proporcionavam uma visão de oportunidade de empregos, aumentando a dificuldade de gerar vagas de emprego para todas essas pessoas, influenciando de forma direta no aumento do índice de criminalidade e o medo de se viver em Várzea Grande. O próprio bairro Cristo Rei, que é apontado na citação, é representado pelos jornais como sendo um bairro com alto índice de criminalidade. No Arquivo Público encontrei inúmeras notícias que retratam um quadro de insegurança. Uma manchete em

¹⁰ “Prefeitura é acionada na justiça”. Várzea Grande: 11 a 17/10/99. Correio Várzea-Grandense. P. 09 Nº531.

especial chama a atenção: *Cristo Rei: com o estigma de bairro violento*¹¹, essa notícia veiculada no ano de 1986 trás em seu texto algo extremamente revelador [...] *com a chegada do progresso aumenta o índice de crimes* [...], essa foi a única notícia encontrada, na década de 1980, em que se passa a questionar os impactos causados pelo “progresso”.

Diferente das notícias veiculadas em Cuiabá, onde por inúmeras vezes os migrantes são apontados como os “responsáveis” pela criminalidade, nos jornais de Várzea Grande não foram encontradas notícias similares. Um dos objetivos desse trabalho é entender como foram sendo tecidas as relações entre as pessoas que se fixaram em Várzea Grande.

No primeiro ano de gestão de Julio Campos (lei 459/73), foi criada a sociedade de economia mista, que recebeu o nome de Companhia de Desenvolvimento de Várzea Grande – CODEVAG. Várias áreas de terras (66 decretos) foram desapropriadas para a abertura de ruas, avenidas para a implantação de bairros residenciais e do Distrito Industrial de Várzea Grande, onde se instalaram mais de 30 novas indústrias. Surgindo novos bairros, ampliou-se a área urbana, adotando em parte, a mesma política da gestão Ary Campos. Havia uma espécie de continuidade das gestões de Várzea Grande em torno de políticas que valorizavam a fixação dessas indústrias e o melhoramento das avenidas.

É interessante observar que nas margens dessas avenidas aparece localizada uma serie de estabelecimentos comerciais voltados para a venda de produtos específicos para suprir as necessidades dos produtores do norte de Mato Grosso, insumos agrícolas e grandes concessionárias de automóveis.

Essas avenidas, dentro da configuração espacial da cidade, desempenham outro papel, nem um pouco nobre, que é a de *esconder*. Escondem a pobreza, a miséria e a feiúra das casas mal construídas, da falta de infra-estrutura e de um modo de “viver” que está fora dos padrões da estética urbana idealizado. Reflexo do grande aumento populacional em um curto espaço de tempo e falta de organização. A magnitude das amplas avenidas e das lojas que vendem bens de consumo de altíssimo valor monetário, em contraste com a miséria dos bairros, é bastante reveladora da forma como o Poder Público Municipal direcionou a aplicação dos recursos públicos.

A cidade de Várzea Grande, não estava incluída na delimitação espacial geográfica e simbólica do “Paraíso” e as pessoas que foram nela se fixando das formas mais diversas,

¹¹ “Cristo Rei: com o estigma de bairro violento”. Várzea Grande. 01 a 06/06/86. O Correio. P. 8/9. Ano III. Nº 122.

principalmente na década de 1970, também não. Não se traçou um “perfil” do migrante ideal para essa cidade, os que em Várzea Grande se instalaram não foram “convidados”. Apareceram homens e mulheres de todas as partes do país que, por uma diversidade de motivos, casos e descasos, situações que a vida lhes colocou, nos caminhos das migrações, acabaram tendo em Várzea Grande um local que escolheram chamar de *lar*.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRUDA, Márcia Bonfim. *As engrenagens da cidade: Centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX*. PPG-História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais
- BARROZO, João Carlos. Et al. *A nata e a borra da sociedade*. Cuiabá: EdUFMT/NERU, 2002.
- BOURDIER, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil: 1998..
- BURKE, Peter. *A escrita da historia: novas perspectivas*. São Paulo, Ed UNESP, 1992.
- CAMPO, Maria Lúcia Coradini Da. *A paisagem simbólica de Bom Sucesso e Limpo Grande em Várzea Grande – MT/dissertação (Mestrado) – UFMT – 2006*.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (p.65-119)
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002..
- CHILETTO, Rita de Cássia O. Avaliação do Estatuto da Cidade como promotor do reordenamento territorial no Aglomerado Urbano Cuiabá/Várzea Grande – MT/ dissertação – UFMT – 2005.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In:PINSKY. Carla Bassanesi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS. *Várzea Grande*. Várzea Grande. 1995.
- GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989.
- GUIMARÃES NETO, Regina B. *A lenda do ouro verde: Política de colonização no Brasil Contemporâneo*. Cuiabá, Unicen, 2002.
- _____. Cidades de Fronteira. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (org.). *Relações cidade-campo: Fronteiras*. Goiânia: Ed. UFG, 2000. p. 181 – 193.
- _____. Artes da Memória, Fontes Orais e Relatos Históricos. In: *História e Perspectivas*, n. 23 – jul.dez. 2000 – Uberlândia/MG. 2000. p 99 – 114.
- _____. Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia. In: *Projeto Historia: revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Nº(1981). São Paulo: EDUC, 1997. P.49-69.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (p. 143-179)

HIGA, Tereza. Políticas regionais: produção do espaço e alterações de unidades de paisagens na Amazônia Mato-grossense. In: *Revista Mato-grossense de geografia* do Departamento de ICHS/ Universidade Federal de Mato Grosso. Nº. 05/06. Mato Grosso: EdUfmt, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios*. Vol. XXXV. Rio de Janeiro: 1958

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. Magali Lopes (trad.). São Paulo: Editora UNESP. 1992.

MATO GROSSO, 2003. *Anuário Estatístico de Mato Grosso*. Cuiabá: SEPLAN, 2004.

MELO, Alessandra Xavier. *Abordagens teóricas sobre o tema de colonização em Mato Grosso nas décadas de 1970-90*(em especial colonização privada).TCC. UFMT – Cuiabá/MT. 2005.

MONTEIRO, Ubaldo. *No portal da Amazônia: o 1º século do município industrial de Várzea Grande*. Goiás, Ed. Rio Bonito,1970.

_____. *Várzea Grande: Passado e presente confrontos, 1867 – 1987*. Cuiabá, Ed Policromos. 1988.

PERARO, Maria Adenir. *Bastardos do Império: família e sociedade em Mato Grosso no século XIX*. São Paulo: Contexto, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

SOUZA, Ana Maria de. *Relatos da cidade: Nomadismo, territorialidades urbanas e imprensa*. Cuiabá: EDUFMT, 2007.

SOUZA, Edison Antonio de. *Sinop: História, Imagens e relatos: um estudo sobre a colonização de Sinop/dissertação (mestrado) UFMT*. Cuiabá-MT. 2001

VEYNE, Paul. *Como se escreve a historia e Foucault revoluciona a historia*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 4ª edição revisada, 1998.

VOLPATO, Luíza Rios Ricci. *Cativos do Sertão: Vida cotidiana e a escravidão em Cuiabá(1850-1888)*. São Paulo: UFMT/Marco Zero, 1993.